

## Saúde Mental em um curso de Licenciatura em Química: a crise na Universidade

### Mental Health in a Degree in Chemistry: the crisis in the University

Evelyn Jeniffer de Lima Toledo<sup>1</sup>(PQ)\*, Henrique do Nascimento Coutinho<sup>1</sup> (IC), Alessandra dos Santos Galdino<sup>1</sup> (IC)

<sup>1</sup>Universidade de Brasília

\*jeniffer.toledo@gmail.com

#### Resumo

O debate sobre formação de professores traz consigo temáticas que variam entre o processo de ensino e aprendizagem ao comprometimento político para a cidadania. Embora essa discussão seja importante precisamos jogar luz sobre novos nuances como o adoecimento na Universidade. Com o objetivo de discutir a importância da saúde mental no seio acadêmico fazemos uso da teoria da autodeterminação e das necessidades psicológicas básicas para avaliar como estamos em relação a percepção de autonomia, competência e pertencimento dos estudantes de um curso de licenciatura em química. Para isso, utilizamos um questionário do tipo *Likert* que apresentou adequada confiabilidade permitindo que verificássemos que no que tange aos constructos citados os valores encontram-se no ponto de neutralidade. Portanto, o curso não tem promovido uma percepção de liberdade de escolha, competência e pertencimento. Deste modo, o que vamos fazer para fomentarmos esses constructos diante do atual cenário de crise?

**Palavras chave:** saúde mental, autonomia, competência, pertencimento, licenciatura

#### Abstract

The debate about teacher training brings with it themes that vary between the teaching and learning process and the political commitment to citizenship. While this discussion is important, we need to shed light on new nuances such as illness in the University. With the objective of discussing the importance of mental health in the academic world, we make use of the theory of self-determination and the basic psychological needs to evaluate how we are in relation to the students' perception of autonomy, competence and belonging to a licentiate course in chemistry. For this, we used a Likert type questionnaire that presented adequate reliability, allowing us to verify that in relation to the mentioned constructs the values are at the point of neutrality. Therefore, the course has not promoted a perception of freedom of choice, competence and belonging. So, what are we going to do?

**Key words:** mental health, autonomy, competence, belonging

## Introdução

Quando o assunto é formação de professores muito se fala sobre as características gerais desses. Por exemplo, Kasseboehmer e Ferreira (2012) discutem sobre o professor com viés tecnicista que é aquele que acredita/age como se ensinar fosse uma questão de saber o conteúdo e a ele acrescer algumas técnicas pedagógicas. Um segundo tipo é denominado reflexivo, nesse caso o professor toma consciência de que as problemáticas na sala de aula não serão resolvidas apenas a partir do domínio do conteúdo e de novas técnicas pedagógicas passando a refletir sobre a própria ação na busca por soluções para o fracasso escolar. Por fim, os autores chamam atenção para o professor do tipo intelectual crítico que além de refletir sobre a própria prática assume um comprometimento político de olhar quem é o outro? Qual o seu contexto?

Debater sobre as características dos professores e sobre o contexto social que estamos imersos é de extrema relevância para a formação não apenas do profissional, mas do ser humano que devolveremos à sociedade. Entretanto, pensar no professor dentro dos processos de ensino e aprendizagem embebidos ou não do contexto social é suficiente? Discutimos currículos, tiramos conteúdos, colocamos conteúdos, trouxemos o debate dos direitos humanos para as aulas de ciências nos movendo para a criação de uma sociedade mais consciente do seu contexto. Não há como afirmar que esse movimento não é importante, não há como pensar que esse debate não é imprescindível, ele é. Se quisermos de fato formar uma sociedade mais humana precisamos continuar no caminho da humanização dos conteúdos. Porém, precisamos ir além. Precisamos humanizar as pessoas. Precisamos nos humanizar e entender que somos gente, não máquinas com fonte inesgotável de energia e peças reparáveis. Precisamos refletir sobre como essa insaciedade por informação, por produção, por qualidade, por quantidade está adoecendo toda a comunidade escolar. Precisamos de limite ou teremos uma sociedade que compreende os problemas sociais, mas está tão debilitada que não vai ser capaz de agir. Que não vai ser capaz de ser Gente que forma Gente para educar Gente (Freire, 1997).

A saúde mental na Universidade tem sido colocada como um tabu. Falar sobre depressão ou qualquer outra forma de sofrimento psíquico coloca em cheque nosso merecimento em ocupar os espaços que ocupamos. Um sinal de vulnerabilidade vira manifestação de fraqueza e assim nos calamos, mas enquanto a voz é retida os dados gritam: através da lei do acesso a informação Arcoverde et al (2017) obtiveram dados que atestam que o número de professores afastados em São Paulo saltou de aproximadamente 25 mil em 2015 para aproximadamente 50 mil em 2016 devido a transtornos mentais ou comportamentais.

Os dados refletem um cenário caótico sem perspectiva de melhora quando analisamos o atual contexto político brasileiro. De um lado temos o terror de uma população que acredita na ameaça comunista desde o plano Cohen. Do outro lado temos um contingente de pessoas apontando para a volta da ditadura militar e revivendo o cenário de guerra presente na Universidade (SALMERON, 2007).

No momento da escrita deste artigo ainda não temos os resultados do 2º turno da eleição, mas o pânico generalizado tem levado o país para uma guerra civil não declarada. A fundação Getúlio Vargas através do monitoramento das redes sociais acusou um aumento das denúncias sobre casos de violências físicas, verbais e virtuais (ANGIOLILLO, PASSOS, 2018) nos últimos dias pós primeiro turno.

Desse modo, diante do atual cenário de adoecimento mental da população que reverbera na Universidade este trabalho investigou o papel de um curso de Licenciatura em Química na promoção de saúde dos seus discentes. Para isso foi utilizada a teoria da autodeterminação e a

teoria das necessidades psicológicas básicas.

### **Referencial Teórico: teoria da autodeterminação e necessidades psicológicas básicas**

Motivação é o que leva um indivíduo se mover em determinada direção em detrimento de outra. É classificada de acordo com o *locus* de origem: intrínseca, quando interno, extrínseca quando externo (REEVE, 2006). A motivação extrínseca pode ser subdividida em um *continuum* de acordo com a regulação (DECI, RYAN, 1985).

A regulação se dá por meio da força de vontade que é tida como palavra chave da teoria. Essa força de vontade correlaciona-se diretamente com as necessidades psicológicas básicas (NPB) aproximando o indivíduo de uma motivação intrínseca quando fortalecidas e da desmotivação quando minadas (ENGELMANN, 2010).

As NPB são: autonomia, pertença e competência. A percepção de autonomia refere-se a consciência de estar tomando as próprias decisões, portanto o indivíduo acredita que age porque assim decidiu agir.

A percepção de pertença refere-se ao estabelecimento de vínculos. Assim quando o indivíduo está em um ambiente onde consegue estabelecer relações significativas tem seu vínculo fortalecido.

A percepção de competência refere-se ao sentimento de bem realizar a atividade que se propôs. Portanto, o indivíduo se sente competente quando tem a sensação de que com o esforço adequado ele irá obter sucesso.

Assim, de acordo com a teoria das NPB podemos auxiliar o indivíduo a caminhar no sentido de uma motivação mais autodeterminada sempre que oferecermos a ele um ambiente que estimule suas necessidades. Diante dessas questões, o objetivo deste trabalho foi adaptar um questionário que mensurasse as NPB e então verificar como se encontram tais percepções em um curso de licenciatura em química em um período dramático como o atual.

### **Metodologia**

A pesquisa foi realizada com 120 alunos do curso de licenciatura em química de um universo de 215 estudantes regularmente matriculados, estando 42 alunos no 1º ano, 18 no 2º ano e os demais distribuídos entre 3º e 6º ano. Foram 60 estudantes do sexo masculino e 60 do sexo feminino. O resultado não será apresentado de forma agrupada por sexo ou ano do curso, pois para que isso fosse feito de forma estatisticamente correta seria necessário uma população maior de respostas.

O curso é ofertado no período noturno com matrícula semestral em uma Universidade pública brasileira localizada no centro-oeste, os estudantes são de baixa renda.

Foi utilizado o questionário de NPB de Engemann (2010) após as adaptações sugeridas por Rech e colaboradores (2018) (Tabela 1). Essa adaptação refere-se a misturar as questões de forma a deixar as variáveis misturadas de forma mais aleatória.

O questionário utilizado contém 34 afirmativas do tipo Likert de 5 pontos. As afirmativas em vermelho referem-se a inversão da escala, notas altas nesses fatores implicam em uma percepção de não autonomia, não competência e não pertencimento.

As questões que se referem a competência são: 2, 5, 7, 8, 10, 13, 14, 15, 16, 19, 20, 23, 24, 26, 30, 31, 32.

As questões que se referem a autonomia são: 1, 4, 9, 11, 17, 21, 27, 29, 34.

As questões que se referem ao pertencimento são 3, 6, 12, 18, 22, 25, 28, 33.

1	Eu sempre me sinto livre para escolher as coisas que eu desejo fazer neste curso.	1	2	3	4	5
2	Eu vou mal nas avaliações das disciplinas do curso.	1	2	3	4	5
3	Eu realmente gosto de interagir com os colegas deste curso.	1	2	3	4	5
4	Eu me sinto pressionado neste curso.	1	2	3	4	5
5	Frequentemente, não me sinto muito competente em relação a este curso.	1	2	3	4	5
6	Os meus colegas de curso se importam comigo	1	2	3	4	5
7	Eu estou certo de que posso realizar excelentes produções neste curso	1	2	3	4	5
8	Eu tenho sido capaz de aprender novas habilidades interessantes neste curso	1	2	3	4	5
9	As atividades que realizo no meu curso são tão direcionadas pelos professores que, ao concluí-las, não as reconheço como minhas produções.	1	2	3	4	5
10	Sei usar corretamente todos os instrumentos necessários à realização dos trabalhos neste curso.	1	2	3	4	5
11	Eu sinto que não tenho possibilidades de escolhas neste curso.	1	2	3	4	5
12	.Eu sinto que os meus colegas gostam de desenvolver atividades comigo.	1	2	3	4	5
13	Sinto que sou capaz de alcançar os meus objetivos neste curso	1	2	3	4	5
14	Acho que os trabalhos que realizo neste curso são muito bons.	1	2	3	4	5
15	Eu sei que posso ter ideias criativas para desenvolver neste curso	1	2	3	4	5
16	Na maior parte do tempo, eu me sinto realizado com o que faço neste curso.	1	2	3	4	5
17	Realizo as atividades do curso quando elas me interessam	1	2	3	4	5
18	Considero as pessoas com as quais interajo regularmente neste curso como meus amigos	1	2	3	4	5
19	Fico desesperado quando preciso apresentar alguma atividade neste curso.	1	2	3	4	5
20	Percebo que as pessoas me acham plenamente capaz de desenvolver plenamente as atividades	1	2	3	4	5
21	Sinto-me livre para decidir o que fazer neste curso.	1	2	3	4	5
22	Os colegas com os quais interajo neste curso preocupam-se com os meus sentimentos.	1	2	3	4	5
23	Acho que as atividades que desenvolvo são muito boas	1	2	3	4	5
24	Neste curso, eu não tenho muitas oportunidades de mostrar o quanto sou capaz.	1	2	3	4	5
25	Considero muito bom o meu relacionamento com os colegas deste curso.	1	2	3	4	5
26	Eu tenho dificuldades nas disciplinas do curso.	1	2	3	4	5
27	Eu geralmente me sinto livre para expressar minhas ideias e opiniões neste curso.	1	2	3	4	5
28	Eu sinto que sou aceito pelo grupo.	1	2	3	4	5
29	Eu nunca escolho o que eu desejo fazer neste curso	1	2	3	4	5
30	Frequentemente não me sinto muito capaz neste curso.	1	2	3	4	5
31	Sinto que as pessoas têm expectativas altas sobre o meu desempenho	1	2	3	4	5
32	Acredito que sou criativo nas atividades deste curso.	1	2	3	4	5
33	As pessoas com as quais interajo regularmente neste curso, parecem não gostar muito de mim.	1	2	3	4	5
34	Não há muitas oportunidades para eu decidir por mim mesmo como fazer as coisas neste curso	1	2	3	4	5

Tabela 1: Questionário para mensurar as necessidades psicológicas básicas

Para aferir fidedignidade foi utilizado o alfa de Cronbach através do programa SPSS versão 21.

## Resultados e Discussão

A partir dos dados coletados foi calculado o Alfa de Cronbach para cada um dos

constructos. O objetivo de se calcular o alfa de Cronbach é garantir a fidedignidade dos dados ou seja, mensurar a precisão com quem foi medido cada fator. O alfa varia de 0 a 1 e segundo Freitas e Rodrigues (2005), uma consistência adequada acontece quando o valor mensurado se encontra a partir de 0,6.

Os valores obtidos podem ser visualizados na Tabela 2:

<b>Constructo</b>	<b>Alfa</b>
Autonomia	0,76
Competência	0,85
Pertença	0,80

Tabela 2: Alfa de Cronbach

Portanto podemos concluir que o instrumento da forma como foi utilizado encontra-se com uma consistência adequada permitindo que façamos inferências qualitativas a partir dos dados obtidos. Em comparação com os valores obtidos por Rech e colaboradores (2018), misturar as questões de forma com que as afirmativas fossem distribuídas de modo mais aleatório, não prejudicou os dados obtidos, em ambos os casos o alfa situou-se acima do valor mínimo esperado. Assim, incentivamos o uso dessa nova distribuição por dificultar respostas viciadas devido a marcações aleatórias dos respondentes.

Como a análise de fidedignidade mostrou-se adequada, o passo seguinte foi o cálculo das médias dos constructos e suas respectivas variâncias. Os valores obtidos podem ser visualizados na Tabela 3.

<b>Constructo</b>	<b>Média</b>	<b>Variância</b>
Autonomia	3,20	0,19
Competência	3,28	0,14
Pertença	3,31	0,45

Tabela 3: Valor médio das necessidades psicológicas básicas e suas respectivas variâncias.

Conforme os dados expressos na Tabela 3 os alunos se situam no ponto de neutralidade da escala, portanto no valor mínimo esperado. Então, vamos refletir sobre o significado das medidas encontradas:

Quando o estudante do curso de licenciatura em química tem a percepção de que sua competência se situa em um nível neutro precisamos nos questionar sobre as atividades que estão sendo atribuídas a eles. Segundo Vygotsky (LUNARDI, 2015) o professor deve propor atividades que se enquadrem em uma dificuldade que auxiliem a ultrapassar a zona de desenvolvimento real, ou seja, elas não devem ser fáceis demais a ponto de se tornarem entediadas, nem difíceis demais a ponto de se tornarem insolúveis. Será que estamos sendo capazes de fazê-lo? Será que estamos preocupados em fazê-lo ou simplesmente estamos jogando diversos conteúdos independente do estágio de desenvolvimento dos discentes? Como solucionar tais problemáticas? Um primeiro passo certamente passa por um investimento em avaliações diagnósticas a fim de adequar o conteúdo ao patamar que os alunos estão. Um outro ponto passa por discutir o currículo avaliando se os pré-requisitos

estão alinhados com as propostas das ementas. O importante é que algo seja feito, estamos minando não apenas a motivação para aprender, estamos minando a autoestima dos nossos alunos contribuindo com o adoecimento psíquico.

O segundo fator a ser analisado é a percepção de Pertença desses estudantes. De forma geral eles consideram que não estão construindo boas relações com os colegas. A falta desta construção de vínculo dentro da Universidade pode ser um problema caso os alunos não tenham relações sólidas em outros ambientes. A falta de laços não é apenas prejudicial no sentido dos estudantes não estarem motivados pelo curso, por aprender. A falta de laço é uma questão dramática no sentido de conexão com a própria vida. Se observamos não apenas o valor médio encontrado, mas também sua variância, iremos perceber que esse foi o fator que mais variou colocando estudantes em uma situação de risco. Através do questionário não é possível averiguar quais as questões estão envolvidas nesse afastamento entre os discentes, mas é possível mapear quais estudantes merecem um pouco de atenção a fim de aprofundar e entender o que está causando tal segregação para que possamos agir sobre ela.

Em relação a autonomia o valor obtido também se situa num patamar neutro. A problemática aqui constatada vai além da possibilidade dos alunos fazerem opções dentro do próprio curso, mas na transformação desses estudantes em indivíduos críticos, pensantes, produtores de pesquisas inovadoras. Se os alunos tem a percepção de não terem liberdade dentro do próprio curso em um período onde a democracia ainda é lei, o que podemos esperar do amanhã? Como formar professores pesquisadores autônomos em sua profissão e cidadania se eles não vivenciam essa autonomia durante a formação?

De modo geral, os resultados obtidos não são nada animadores. Os alunos pesquisados apresentam um estágio de autonomia, pertença e competência pouco pronunciado. Atentando para o fato de que o estado político do Brasil não vem sendo um acalento para nossa esperança precisamos nos mobilizar se quisermos formar indivíduos mais saudáveis.

## **Conclusão**

A formação de professores empoderados do conteúdo e com comprometimento político vai além de conhecer o próprio contexto social e o dos estudantes, permeia o reconhecimento do outro e do Eu como seres humanos. Ao identificar a Humanidade que cabe a cada cidadão liberta-se e liberta o outro da exigência de vivermos como se fossemos máquinas incansáveis. É o reconhecimento desta humanidade que permite que percebamos a importância de investirmos no desenvolvimento da saúde mental nosso e de todos que nos cercam percebendo os pontos de fragilidade a fim de transformá-lo. Este trabalho pretendeu investigar as necessidades psicológicas básicas de um curso de licenciatura em química a fim de analisar mais do que a motivação para aprender, queremos colocar luz sobre um aspecto tão desconsiderado: a motivação para Ser, para sermos Gente que forma Gente para educar Gente. Embora os dados nos apontem que os estudantes não estão com a percepção de competência, autonomia e pertença em níveis elevados, eles permitem que a partir dessa análise percebamos a importância de discutirmos sobre esse assunto que não pode ser Tabu nem ficar restrito aos professores das disciplinas psicológicas. Este deve ser um comprometimento de todos por uma sociedade mais saudável. O momento é crítico, o cenário político desconsolador, mas precisamos ir além do resistir, precisamos lutar e lutar é verbo que demanda ação. Não nos entreguemos.

## Agradecimentos

DEG, Universidade de Brasília. PET-QUI/UnB. PET/SeSU/MEC

## Referências

ANGIOLILLO, F.; PASSOS, U. **Acirramento da campanha multiplica relatos online de violência**, Folha de São Paulo, 2018. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/acirramento-da-campanha-multiplica-relatos-online-de-violencia.shtml>>, acessado 15/10/2018.

Arcoverde et al. **Número de professores afastados por transtorno em SP quase dobra em 2016 e vai a 50 mil**. G1, 2017. Disponível em <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/numero-de-professores-afastados-por-transtornos-em-sp-quase-dobra-em-2016-e-vai-a-50-mil.ghtml>>, acessado 15/10/2018.

DECI, E. L.; RYAN, R. M.. **Intrinsic motivation and self-determination in human behavior**. New York and London: Plenum, 1985.

ENGELMANN, E. **A motivação de alunos dos cursos de artes de uma universidade pública do norte do Paraná**. Programa de Pós Graduação em Educação, 2010, Dissertação de Mestrado, 127p.

FERREIRA, L.H.; KASSEBOEMER, A.C. **Formação inicial de professores de química**. Pedro e João editores, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Editora: Paz & Terra. 43a edição, 1997.

FREITAS, A. L. P. & RODRIGUES, S. G. A avaliação da confiabilidade de questionários: uma análise utilizando o coeficiente alfa de Cronbach. **SIMPEP**. Bauru-SP, 2005.

Rech et al. As necessidades psicológicas básicas no curso de licenciatura em química: um estudo de caso. **EVEQ**, Araraquara-SP, 2018.

REEVE, J. **Motivação & Emoção**. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

SALMERON, R. A. **A universidade interrompida: Brasília 1964-1965**. 2ª edição. Brasília: Editora UnB, 2007.

LUNARDI, K. O. Vigotski e as implicações pedagógicas: a ontogênese da criança, a zona de desenvolvimento proximal e a escola **O adjunto**, v.3, n.1, 2015, p.53-58.